

Esse caso não está encerrado e por isso escolhi trazê-lo à conversação para me beneficiar dos seus efeitos. O caso me pareceu, a princípio, relativamente simples. Quero dizer com isso que subestimei o grau de dificuldade. Com cerca de 36 ou 37 anos, essa jovem mulher dá testemunho de uma grande satisfação com seu trabalho. Este lhe proporciona muito mais do que sucesso material e reconhecimento profissional. “Isso lhe dá uma satisfação efetiva”. Gosta da tarefa artesanal que envolve cada um dos empreendimentos que planeja, executa e conclui. Apesar de tudo, queixa-se de que trabalha compulsivamente. Não tem tempo para si mesma e dedica-se exaustivamente à cada etapa dos projetos. Engaja-se neles com uma garra e uma exigência tão minuciosa que hoje eu chegaria a dizer que “isso a devasta”. O sinal de que a barreira entre o desejo e o gozo vacila é que os dias de trabalho prolongam-se pelas longas noites insones: “isso não tem fim”.

Suas relações com os colegas, superiores e coadjuvantes é muito tensa porque Roberta, lhes faz muitas cobranças e suspeita sempre que não executarão suas tarefas com a perfeição que espera: “isso a arrasta”. O produto do seu trabalho deve rivalizar-se com obras de arte e “isso a constrange”. Ela não faz nunca, a mais mínima concessão.

No rastro desse automatismo de perfectibilidade queixa-se de não tem sido muito feliz na vida amorosa. Penso que se pode formalizar sua demanda conforme se segue: **“os homens que eu admiro e que ficaria feliz em ter ao meu lado não me arrisco a conquistá-los. Termino acompanhada por homens que menosprezo e com quem não quero nada mais duradouro. Conclui que não é possível que um homem digno de sua admiração possa desejá-la.”** Convidada a falar sobre isso ela multiplica os relatos de situações em que “deixa para uma outra”, um homem que parece interessá-la. É com **muita raiva dessa outra mulher**, que acredita interpor-se entre ela e o homem desejado, que admite sua parte de responsabilidade. Roberta sempre abre mão do seu desejo.

Eu pergunto porque “isso tem que ser sempre assim” e nesse ponto a transferência se estabelece trazendo à lembrança a história traumática de adolescência. O primeiro namorado trocou-a por uma outra com quem podia ter relações sexuais. A dor dessa perda afetou sua posição subjetiva diante da castração. O início de sua vida sexual teve o caráter de uma revanche. Ficou marcado pela posição ressentida diante do Outro. Todod seu desempenho profissional e sexual parece orientado por uma ênfase demonstrativa. Passou a rivalizar-se com os parceiros. Ostenta seu desempenho bem sucedido no trabalho e tornou-se, recentemente, uma conquistadora irresistível de parceiros eventuais. Seu comportamento exibe uma interpretação clássica do desejo do Outro – “nenhum homem presta” – modalizado conforme a histeria contemporânea. No lugar da renúncia ao desejo sexual ou da coqueteria inconsequente, muitas mulheres hoje preferem imitar abertamente o comportamento masculino, orientadas pela aposta em “fazer com isso mais e melhor” que um homem.

A certeza do lado da analisanda

O prosseguimento dessa análise traz à tona sua descrença. Não há homens que sejam interessantes, inteligentes, bem sucedidos dispostos a amar uma mulher ativa e competente como ela. Ela me dá indícios de que sua mãe tinha um forte desprezo por seu

pai a quem considerava, à despeito do sólido, constante e respeitado desempenho profissional, um fracassado porque não tinha ambição. Dessa posição da mãe ela deduziu que os homens ambiciosos não prestam porque não precisam das mulheres para nada. Quanto aos demais, são fracassados, incompetentes e dependentes das mulheres. Ela acredita na profunda decepção de sua mãe com seu pai. Isso a impede de situar as queixas materna no quadro da diferença sexual. Incapaz de compreender a posição sexual masculina diante de uma mulher escolheu o caminho da supervalorização de sua própria autonomia .

Eu gostaria de introduzir aqui uma questão para discussão. Essa posição, para além das circunstâncias de sua história pessoal, não aponta para o impasse de estrutura da sexualização fálica? Se o que interessa a homens e mulheres é o falo, como pode haver relação sexual ? Eu me pergunto sobre o que diferencia as históricas freudianas das histerias contemporâneas. Afinal, entre umas e outras, há um mundo de efeitos dos movimentos feminista e de liberação da sexualidade além da própria difusão da psicanálise. A propalada igualdade entre os sexos e as gerações, aprofundou o declínio da função paterna, e deixou em aberto a pergunta sobre que significante pode suportar a diferença sexual. No mínimo, poderíamos nos arriscar dizer, que o impossível na diferença sexual (a ausência da relação sexual) já não se mascara pela oposição entre fálico e castrado. O fim da dupla moral sexual desatou esse véu. Poderíamos concluir que “isso já não se esconde, se mostra”. Sem os mitos paternos o desejo do sujeito o esgota num esforço inútil de ser seu próprio ideal. Para essa analisanda é particularmente difícil subtrair-se da relação especular para situar-se mulher para um homem.

Um relacionamento intenso e passageiro com um homem há muito desejado vem confirmar suas expectativas. Embora fortemente interessado por ela, prefere uma namorada desinteressante. Ela fica extremamente confusa diante dessa experiência. Interrogo: o que pode interessar um homem numa mulher ? Ela então pergunta-se sobre: o que pode manter esse homem tão ligado àquela mulher? Questiona-se à respeito de seu valor como objeto para um homem. Lembra-se de que foi uma menina emburrada e feinha. Nesse momento de sua análise uma angústia depressiva é o sinal de uma mudança de posição subjetiva que deixará ver a satisfação pulsional que estava até então investida no laço transferencial impedindo as mudanças em sua análise e em sua vida.

A surpresa do lado da analista

Uma virada na transferência traz à tona uma violenta hostilidade contra a analista que denuncia um *acting-out*. Ela me comunica sua decisão de abandonar a análise pois está completamente descrente de qualquer possibilidade de mudança. Nada parecia poder detê-la. Então acusa a analista de iludi-la “persuadindo-a a procurar homens idealizados”. **Surpreendida** com essa afirmação digo que sua raiva me interessa porque me diz respeito e reivindico que ela me fale mais sobre isso. A fórmula é ambígua. Ao dizer “*me interessa porque me diz respeito*”, propositadamente sugiro que a acusação que me é endereçada é justa e que eu tenho responsabilidade diante de alguma coisa que não sei o que é. É preciso que ela me diga. Tenho pensado se o manejo da transferência *agireren* não deve incluir alguma coisa da satisfação pulsional que é reivindicada. Sem isso a interrupção do processo analítico é quase certa. Ela aceita meu pedido e lhe ofereço dobrar o número de encontros semanais. Seu relato esclarece o investimento pulsional que estivera oculto sob a suposição de saber.

A raiva que ela manifesta é a raiva da mãe. Mais uma vez, a estrutura é ambígua. Roberta se afoga frequentemente em acessos de raiva, logo essa raiva é sua. Entretanto,

ela remete aos acessos de raiva que acometiam sua mãe em consequência do suposto fracasso paterno. Ela se queixava constantemente da falta de ambição do marido. Reivindicava para si todos os méritos com respeito ao patrimônio da família. Sua mãe lhe transmitira a certeza de que a família não teria nada porque seu pai era um homem consciencioso demais para ousadias. A raiva que ela própria experimenta contra mim entretanto, é atual. Confessa que fora muito ligada à sua mãe e chegou a pensar que não suportaria bem a vida depois que ela morreu. Na verdade, sua entrada em análise se esclarece retrospectivamente pela perda da mãe. Era para ela que corria toda vez que tinha problemas de relacionamento com homens. Era para ela que exibia sua performance bem sucedida e auto-suficiente no trabalho. Ao longo de muitos meses esforçou-se para me deixar ocupar esse mesmo lugar. Não tendo encontrado a ressonância esperada formulou sua decepção por meio da acusação que relatei. Minhas intervenções ao longo desse período furaram suas certezas, abalaram sua desesperança e a expuseram a uma nova decepção. Eu me pergunto se ao acolher a raiva que ela me endereçou, não pude então com meu desejo impedir que sua busca se refechasse em consequência da repetição do mau encontro.

Verifico, só depois, que a demanda endereçada à analista refere-se à separação da analista desse lugar (o da mãe) que lhe foi proposto na transferência. Durante muitos meses eu era esperada como cúmplice de sua decepção com os homens. Minhas intervenções introduziram uma incerteza quanto ao objeto dessa demanda. A mudança na sua posição subjetiva foi assinalada pela intensa raiva contra mim, sinal de uma separação de sua mãe (o objeto *a* em queda) e de uma nova posição diante do desejo e do gozo, em vias de advir.

Após esse episódio de intensa transferência hostil ela reivindica mais tempo para si mesma e começa um lento processo de separação da sua dedicação excessiva ao trabalho. Nesse momento, sou novamente surpreendida com o que me parece ser essencialmente um acting-out. Havia muito mais vida erótica no deserto de sua atribulada vida profissional do que podia sonhar minha vã imaginação. Ela desempenha para todos os homens que admira o papel de um objeto de desejo inatingível. Pensa que sua eficiência exerce uma atração irresistível, manejada à serviço do seu sucesso profissional. Por isso ela se aferra a uma rígida disciplina e nunca se deixa envolver seriamente em casos amorosos. Em geral eles são casados. E sua questão é sempre a mesma: “o que é que um homem tão excepcional vê numa mulher tão comum”? O assinalamento de sua posição diante dessa outra mulher, vem confrontá-la com a questão do seu desejo. No momento em que essa encenação é desvelada, ela já não tem mais certeza de que há um laço necessário entre sua abstinência e o lugar que ocupa na vida profissional. A demanda que marcou sua entrada em análise foi retificada, dando lugar a uma nova posição diante do desejo e do gozo, que desta vez a implica como responsável. Ela agora sabe que está cercada de homens que ela chama de interessantes e admiráveis. O enigma é o seguinte: ela não quer nenhum deles e manipula seu amor a serviço de seu próprio sucesso.

A surpresa do lado da analisanda

Uma nova decepção sucede o encontro com um. Ao mesmo tempo que se mostra encantada com o interesse e o cuidado que ele tem com ela reconhece que transformou esse encontro numa exibição de insígnias do seu sucesso pessoal. Homens como ele são da categoria dos fracassados. “Isso se repete”. Como o pai dela, ele é um homem inteligente, com uma excelente formação profissional e muito bem empregado mas não

demonstra a menor ambição. Falta a ele o que a aproximou de seu primeiro marido. Gosto pela aventura, pelo risco e desejo de enriquecer. É verdade, que ele também era um fracassado como o pai e terminou dependente dela financeiramente. Não entendo a comparação e lhe pergunto quando foi que seu pai foi um fracassado que dependia financeiramente de sua mãe. Ela se mostra muito surpresa com essa pergunta. Em resposta me recorda que ele bebia, era alcoólatra. Entretanto, não consegue responder porque acreditou tanto em sua mãe e convenceu-se de que seu pai teria sido um fracassado na profissão. Eu concluo que o álcool e a raiva têm efeitos de convicção. Esses significantes lançados fora da dialética do desejo, tornaram-se objetos condensadores de gozo. Isso tampona a falta e funciona como um ponto de certeza.

Estava convencida até então que seu primeiro casamento naufragara numa repetição exata do casamento de seus pais. Diferentemente de seu pai, seu primeiro marido era, entretanto, um aventureiro que sempre se metia em maus negócios e acabava precisando dela. Nas sessões que se seguem tem início um lento processo de recuperação de sua própria experiência com seu pai. O declínio dessa convicção é importante para que ela possa reavaliar o impasse da relação entre seus pais mais no contexto da diferença sexual do que na dialética mortífera do narcisismo onde parecia até então aprisionado.